

Nosso crédito na Europa está ameaçado

REALI JÚNIOR, DE PARIS

Os principais bancos credores europeus estão seguindo os passos dos norte-americanos e aumentando as pressões sobre o governo brasileiro, ameaçando não renovar as linhas de financiamento de curto prazo, dificultando as operações de importação, exportação e linhas interbancárias. Essa atitude contribui para aumentar as dificuldades dos bancos brasileiros que atuam no Exterior, principalmente o Banco do Brasil. As agências correm o risco de ficar sem maior cobertura no Exterior, não podendo honrar seus compromissos. Entre os bancos franceses com um postura mais dura em relação ao Brasil, cita-se o **Paribas**, mas outros como **Sudaméris**, **BNP**, **Crédit Lyonnais** e **Socie-**

té Generale têm agido mais ou menos da mesma forma.

O recente acordo com o FMI e o anúncio de abertura de entendimentos com o Clube de Paris pouco ou nada contribuíram para modificar essa posição da comunidade bancária internacional, irritada com a não retomada do pagamento dos juros da dívida. Ontem, um alto funcionário de um banco brasileiro em Paris confirmava as pressões, dizendo que a cada dia são maiores as dificuldades para renovar as linhas de curto prazo. Inicialmente, os projetos três e quatro previam linhas de curto e médio prazo de 60, 90 e 120 dias. Numa primeira etapa, na renovação dessas linhas, os prazos começaram a ser reduzidos de 120 e 90 para 60 e 30 dias.

Hoje elas têm sido renovadas

com muitas dificuldades, mas apenas por 30 dias. Por isso, está convencido de que os bancos deverão desenvolver alternativas, abandonando essas linhas de financiamento e explorando outras possibilidades. Muitas vezes, os bancos se beneficiam do interesse dos países em exportar equipamentos para o Brasil, buscando financiamentos para seus produtos, mesmo que não sejam garantidos pelos governos.

Essa situação começa a preocupar alguns bancos, que temem a repetição do que ocorreu em 1982, quando eclodiu uma crise de pagamento que penalizou, principalmente, o Banco do Brasil. Por enquanto, esse risco é longínquo, mas ele existe, dependendo, em parte, do comportamento dos

bancos internacionais. Os credores europeus estão assimilando o mesmo tipo de comportamento dos norte-americanos, ameaçando cortar as linhas de crédito de curto prazo para obter do governo brasileiro um gesto em relação aos juros da dívida, isto é, o pagamento, mesmo simbólico, de parte dos atrasados.

Por enquanto, esse tipo de pressão não parece suficiente para levar o Brasil a alterar sua conduta. No caso de um corte definitivo das linhas de curto prazo, o governo brasileiro não teria muitas alternativas. Uma delas seria utilizar suas reservas para socorrer os bancos brasileiros no exterior. Mas essa possibilidade tem sido igualmente afastada por Brasília, daí o aumento da tensão junto aos bancos brasileiros na Europa.